

A arte na Idade Média e as cores como linguagem

Ítalo Francisco Curcio

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: curcio@mackenzie.br

RESUMO

Desde a pré-história, existem vários registros que mostram o uso e a reprodução das cores como um desafio aos interessados, uma vez que, por se destinarem a determinados fins, deveriam ser as mais fiéis possíveis à imaginação do reprodutor. O presente trabalho decorre de larga pesquisa, em diferentes contextos, que consiste da delimitação do estudo das cores como linguagem, particularmente nas religiões. Nesse caso, o destaque é para o cristianismo, com a decoração de templos e outros recintos, desde seu início até o final da Idade Média.

PALAVRAS-CHAVE

Cores. Linguagem. Cristianismo.

INTRODUÇÃO

O intervalo histórico denominado, na literatura contemporânea, Idade Média ou Medievo, se caracterizou por fatos específicos, ocorridos sobretudo na Europa. Todavia, não obstante significativo acervo de trabalhos desenvolvidos em diversos países deste continente, neste tempo da história, passíveis de estudos pormenorizados, destacam-se também importantes obras em outras partes do planeta.

O fato de existir nessa época certo intercâmbio de hábitos e costumes entre Europa e Ásia, particularmente com nações do Extremo Oriente, e até de locais conhecidos após algumas possíveis incursões pelo Oceano Atlântico, muitos desses hábitos e costumes, técnicas e práticas de trabalho, registrados como legado deste período, internacionalizaram-se e passaram a ser comuns em outras culturas. Por isso, com relação a algumas atividades praticadas em diferentes áreas do conhecimento, bem como produção de obras, tanto no contexto das artes como no da tecnologia, nem sempre é possível afirmar sua procedência ou atribuir sua autoria com segurança. Particularmente com a pintura, no que diz respeito a

estilos e reprodução de cores, diversos trabalhos conhecidos são acompanhados de dúvidas quanto à sua verdadeira origem.

No entanto, pensando-se especificamente no estudo das cores, suas diferentes formas de obtenção e aplicações, e na importância que as mudanças ocorridas nas ciências representaram nesse contexto, essas possíveis dúvidas não afetam as conclusões que serão aqui apresentadas.

De mesmo modo que em outras culturas antigas, como a egípcia e a hebraica, por exemplo, cujos registros datam de até quatro milênios, as culturas de destaque no Medievo também se identificam por certos sincretismos¹ religiosos que passaram a fazer parte de doutrinas aceitas por determinados povos e nações.

Esse sincretismo levou a adequações e à identificação das religiões que surgiram a partir dos primeiros séculos da Era Cristã, consolidadas ao longo da Idade Média e diretamente relacionadas com a evolução das Artes, particularmente a escultura e a pintura. O próprio cristianismo e posteriormente o islamismo são exemplos dessas adequações às culturas locais, onde tais religiões eram apresentadas e pregadas. Do mesmo modo, registram-se assimilações de hábitos e costumes indianos e chineses, com suas populações vizinhas.

Natali e Vitelli (1920) citam que os cristãos do primeiro século não valorizavam tanto a escultura, assim como a pintura, pois a arte romana, rica desses elementos, representava para eles perseguição e opressão. Contudo, o uso de grutas antigas para o sepultamento de seus mortos, iniciado por volta do século II d.C., motivou o início da pintura cristã. Essas grutas, chamadas depois de catacumbas², passaram a ter inicialmente suas paredes internas pintadas de branco e posteriormente começaram a “ganhar” cores.

Rigorosamente, essas primeiras pinturas não eram propriamente originais e tampouco poderiam ser classificadas como uma inovação de estilos, pois consistiam especialmente de afrescos³ de tendência helenística, “cristianizados”. *A priori*, os primeiros pintores cristãos adaptaram esta prática à sua doutrina. Todavia, percebe-se também que nas primeiras obras registradas, esses pintores, embora tivessem como referência a arte greco-romana, não tinham atingido ainda sua mesma qualidade.

Dentre as primeiras pinturas dessa época, resistentes até hoje, destacam-se as das catacumbas da Capela de São Calixto, localizadas em Roma, e apresentadas nas figuras 1 e 2.

1 Sincretismo: Fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originários (FERREIRA, 2005).

2 Catacumbas: Galerias subterrâneas em cujas paredes se faziam tumbas e onde os primeiros cristãos se reuniam secretamente e, posteriormente, passaram a enterrar seus mortos.

3 Afresco: Técnica de pintura, geralmente desenvolvida com cal ou gesso, realizada sobre paredes ou tetos úmidos.



Figura 1 – Símbolos cristãos da Eucaristia. Peixe e pão
Parede das Catacumbas de São Calixto, em Roma⁴



Figura 2 – A figura do Bom Pastor
Cripta de Lucina nas Catacumbas de São Calixto, em Roma⁵

Natali e Vitelli (1920) afirmam também que a pintura cristã iniciou efetivamente sua identidade a partir do século IV d.C., mais precisamente, na era do imperador Constantino⁶. Após essa época, a pintura cristã “sai” das catacumbas e passa a ser desenvolvida nos templos, construídos sobre as criptas que continham restos mortais de mártires do cristianismo.

A partir de então, começaram a ser erigidos templos suntuosos, similares aos templos pagãos, no que diz respeito ao estilo fechado para reuniões, porém, sob a nova doutrina, que passara a ser pública e livre.

4 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Catacumba_romana. Acesso em: 18 jul. 2019.

5 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Catacumba_romana. Acesso em: 18 jul. 2019.

6 Constantino: Flavius Valerius Constantinus, imperador romano, nascido no ano 272, em Naissus, cidade localizada no centro-sul da Península Balcânica, conquistada pelos romanos no ano 75 a.C. Falecido em 337, em Roma. Constantino figura na história como o primeiro imperador romano a professar o cristianismo.

O primeiro desses templos que preserva características primitivas das chamadas basílicas⁷ cristãs é o de Santa Sabina, erigido no ano 425 e restaurado em meados do século IX. Seu estilo arquitetônico preserva as linhas originais, com um pórtico, que antecede o átrio, seguido de uma grande área livre (nave), onde se realiza a assembleia.

A Figura 3 mostra a nave central da Basílica de Santa Sabina, destacando-se ao fundo, na cúpula, pintura com variedade de cores e tonalidades, sugerindo uma mensagem doutrinária, de tradição cristã.



Figura 3 – Interior da Basílica de Santa Sabina. Roma, Itália⁸

De acordo com Duby e Laclotte (2002), a arte propriamente europeia nasceu e se fortaleceu durante a Idade Média. Contudo, esta não teria sido a percepção dos primeiros que a apresentaram, pois a princípio a decoração, a pintura e as esculturas serviram como instrumentos de reverência e adoração divina.

Durante aproximadamente dez séculos, a produção e reprodução de imagens se desenvolveu de várias maneiras. Desde os afrescos, citados anteriormente, nas catacumbas e templos, passando por esculturas coloridas, mosaicos e diversas modelagens, até as pinturas em painéis de madeira e telas.

No entanto, em todas essas etapas, um dos maiores problemas e desafios enfrentados era o da obtenção de material adequado para a reprodução de certas cores e tonalidades que se fazia necessário. Nesse aspecto, prevaleceu a utilização de pigmentos extraídos diretamente da natureza, por isso às vezes se percebe excesso de certas cores e tonalidades em detrimento de outras, pouco ou não utilizadas.

⁷ Basílica: Grande área coberta, de origem romana, destinada à realização de assembleias, adotada pelo cristianismo como templo para a pregação e prática de sua doutrina a partir do início da Idade Média.

⁸ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Sabina. Acesso em: 18 jul. 2019.

A OBTENÇÃO E O USO DE CORES

No princípio, algumas cores foram de mais fácil reprodução, em razão da disponibilidade de materiais sólidos disponíveis na natureza e acessíveis no próprio ambiente onde viviam os que queriam reproduzi-las para determinado uso. Entretanto, algumas cores só puderam ser reproduzidas a partir de certos processos de obtenção indireta, com o uso de folhas de plantas ou de determinadas rochas, por exemplo.

Segundo Curcio (2017), o vermelho, o preto e o branco, obtidos a partir de rochas e minérios encontrados nas regiões onde viviam os que se dedicavam à pintura, foram as cores mais utilizadas até o início da Idade Média, mas cores como o azul e o verde, por exemplo, embora conhecidas desde a Antiguidade, continuavam a ser de difícil reprodução.

Algumas culturas entendiam essa dificuldade de forma mística e assim buscavam superar suas necessidades com materiais de obtenção menos complexa.

O verde era obtido a partir de vegetais, e o azul, a princípio, a partir de uma rocha metamórfica, de cor predominantemente azul, existente em regiões do noroeste da Índia e Médio Oriente, já conhecida pelos antigos egípcios. Essa rocha, denominada lápis-lazúli, é constituída de um silicato que contém também cloro, sódio e cálcio. Na Figura 4 vê-se uma gema dessa rocha.



Figura 4 – Gema de lápis-lazúli

Devido à raridade dessa rocha na Europa, obter a cor azul nas pinturas era um processo muito caro, daí sua pouca utilização. Os tecidos tingidos de azul eram obtidos com a fermentação de uma planta, chamada ísatis, em urina humana.

Somente depois das viagens ao Oriente, a partir do século XV, principalmente à Índia, conheceu-se um processo de obtenção do azul a um custo menor. Tratava-se de uma técnica indiana, semelhante à utilizada com a ísatis, obtida com outra planta da região.

Outra prática utilizada no início da Idade Média que, apesar de não ter se ampliado significativamente, continuou a ser desenvolvida, foi a dos mosaicos.

Na composição de mosaicos, nem sempre era necessário obter materiais para colorir, pois quase não se utilizava tinta.

Um exemplo desses trabalhos data do ano 549, *O beijo de Judas*, um dos diversos mosaicos encontrados na Basílica de Sant'Apollinare, localizada na cidade de Ravena, Itália, ilustrado na Figura 5.



Figura 5 – Mosaico – O beijo de Judas

Basílica de Sant'Apollinare, Ravena, Itália

Fonte: DUBY e Laclotte (2002, p. 18).

Outros objetos coloridos também foram produzidos desde o início da Idade Média, como certas garrafas e jarros de vidro encontrados no sítio arqueológico de Vicq, na cidade de Yvelines, norte da França, datados dos séculos VI e VII.

A partir do século VII, com o surgimento e difusão do islamismo⁹, a pintura no Ocidente e Médio Oriente passou por novas mudanças. A cultura islâmica valorizava ainda mais a multiplicidade do uso das cores e, aproveitando técnicas já aprimoradas, seus seguidores passaram a desenvolver estilos próprios nas paredes de seus templos, denominados mesquitas, como produção de mosaicos e demais objetos cerâmicos e tecidos.

Conforme Janson, Almeida e Santos (1998), uma das maiores obras do início do islamismo é a Grande Mesquita de Damasco, que foi construída numa localidade onde existia um santuário romano com paredes cobertas de mosaicos de vidro, de origem bizantina. Os fragmentos encontrados apresentam somente paisagens e traços arquitetônicos, enquadrados em peças de ouro.

Apesar de esse tipo de trabalho não ter semelhança evidente com o estilo bizantino, infere-se um objetivo ilusionista, semelhante ao encontrado em obras na cidade de Pompeia, ao sul da Itália.

⁹ Islamismo: Religião seguida pelos adeptos dos ensinamentos baseados em Maomé que, segundo a tradição, teria deixado a verdadeira revelação de Deus, hoje contida em seu livro sagrado, denominado Alcorão.

Na Figura 6 mostra-se um desses quadros, encontrados na Grande Mesquita de Damasco.

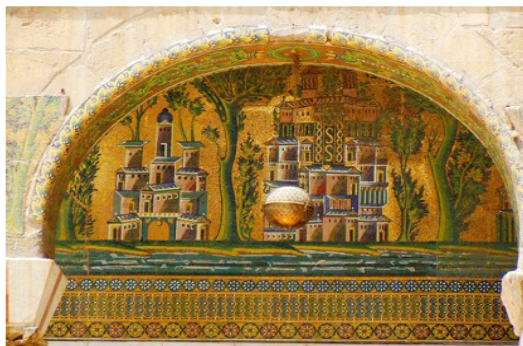


Figura 6 – Mosaico de paisagem e traços arquitetônicos

Grande Mesquita de Damasco, Síria, século VIII

Outra observação relevante nesse estudo é a do fato de que a reprodução das cores não se resumiu a caprichos individuais, decoração de ambientes ou exaltações decorrentes de emoções, fossem elas de natureza cultural coletiva ou mesmo pessoal. A reprodução das cores serviu também para a criação de mensagens simbólicas, que atingiam seus alvos de forma sutil e subliminar, como as cores utilizadas em paramentas e símbolos militares, religiosos e políticos de uma maneira geral.

Na Idade Média, desenvolveu-se em diversos pontos da Europa e do Médio Oriente uma arte específica na criação de brasões e escudos. Esta, conhecida como heráldica, diz respeito à apresentação de símbolos significativos que, com uma simples visualização, trazem diversas informações por meio de suas formas e cores.

Chevalier e Gheerbrant (2003) citam em sua obra *Dicionário de símbolos* que os escudos, originalmente utilizados como elementos de proteção contra ferimentos provocados por armas numa batalha, passaram a ter um valor apotropaico¹⁰, portanto, utilizado quase que como amuleto contra possíveis malefícios. Na tradição medieval irlandesa, por exemplo, os escudos, com esculturas e pintados com cores diversas, eram utilizados também como símbolos pessoais, com emblemas específicos.

O mesmo ocorreu com as cores das paramentas de ministros religiosos de diversas tendências, como hebraicas, cristãs, islâmicas, e outras provenientes das culturas do Extremo Oriente e da América pré-colombiana. E também na descrição simbólica de atos litúrgicos em muitas religiões.

¹⁰ Apotropaico: Objeto com poderes mágicos, que se supõe proteger uma pessoa de possíveis malefícios.

Uma atividade que sofreu substancial desenvolvimento a partir do século XX, mas cujos conceitos já eram implícitos desde a Antiguidade, é a cromatologia¹¹. Baseada na cultura de determinado grupo social, destaca atribuições simbólicas referentes às diversas cores que são identificadas e reproduzidas com especificidade de aplicações.

Em princípio, o caráter simbólico das cores seria universal, porém, devido às diversas culturas que se sucederam em várias regiões geográficas da Terra, verifica-se que esse simbolismo decorre diretamente de influências dessas culturas.

Certas cores, no geral, apresentam simbologias comuns, como, por exemplo, o vermelho e o laranja, que simbolizam o fogo; o amarelo e o branco, que simbolizam o ar; o verde, a água; e o preto ou o marrom-castanho, a terra.

Nesse aspecto, verifica-se a associação das cores à interpretação da constituição do Universo, em Terra, Água, Ar e Fogo, estabelecida por Empédocles de Akragas no século V a.C.

Também existe a associação a uma interpretação maniqueísta, em que o preto e o branco figuram como conceitos antagônicos, sendo o preto o símbolo do tempo e tudo o que o acompanha, e o branco, que simboliza o atemporal.

Em algumas tradições seculares europeias associadas à agricultura e utilizadas ainda hoje por povos de certas aldeias, ao se amarrar o último feixe de trigo, após a colheita, desenha-se neste uma cabeça preta com lábios vermelhos, símbolos da genitália feminina, que sugere a fertilidade.

Nas tradições de culturas nativas americanas, pré-colombianas, como os Astecas¹², em particular, a cor azul e a verde representavam um só símbolo e em quase todos os demais idiomas contemporâneos eram designadas pela mesma palavra. O azul-turquesa, cor próxima do ciano, associada à rocha denominada turquesa, constituída de um fosfato hidratado de cobre, simbolizava para essas culturas fenômenos que estariam ligados ao Sol, como a seca e a fome. O azul-verde, das rochas *chalchuiatl*, ou jade, como são conhecidas atualmente, simbolizavam fenômenos que estariam ligados à Lua, como a fertilidade.

Nas figuras 7 e 8 mostram-se, respectivamente, uma gema de turquesa e uma de jade encontradas na natureza com este formato, submetidas apenas à limpeza, para a retirada da terra que as envolvia no local onde foram encontradas, e à retirada de materiais orgânicos agregados a elas ao longo do tempo, com o uso de uma solução ligeiramente ácida.

11 Cromatologia: Estudo das cores em diversas aplicações.

12 Astecas: Civilização nativa desenvolvida no atual território mexicano, entre os séculos XIV e XVI, e prováveis descendentes dos Toltecas e dos Chinchimecas, que habitaram a mesma região a partir do século X.



Figura 7 – Rocha de turquesa



Figura 8 – Rocha de *chalchihuitl* (jade)

Para os Maias¹³, os pontos cardeais eram simbolizados por quatro cores: o branco representava o norte, o primeiro homem, a promessa e a esperança; o amarelo representava o sul, o milho, a terra fértil; o vermelho, o leste, o mel, o desejo de riquezas e poder; e o preto, o oeste, a região oculta e invisível, a mãe, a noite, a desgraça e a morte.

A tradição cristã também seguiu uma simbologia de cores, utilizadas com seus respectivos significados nas liturgias¹⁴ de cultos até hoje. Em princípio, associa-se a luz a Deus, o Criador do Universo, e a escuridão, à perdição, ao mal. Na teologia da Trindade Divina – Deus Triuno, Pai, Filho e Espírito Santo –, as cores são rigorosamente representativas: o branco, o Pai; o azul, o Filho; e o

13 Maias: Civilização nativa desenvolvida no atual território sul-mexicano, estendendo-se pela América Central, até os atuais territórios da Guatemala, Honduras, El Salvador e Nicarágua. Suas origens são milenares, havendo registros desde 3000 a.C. até os dias atuais.

14 Liturgia: Ordem de celebração de culto religioso.

vermelho, o Espírito Santo. Nas homilias¹⁵, especificamente, as cores sugerem a mensagem associada ao tempo que se vive, que lembra o fato relevante da época estabelecida para a meditação e reflexão. O branco, símbolo da pureza, é utilizado nas paramentas sacerdotais no tempo do Natal cristão e na Páscoa cristã¹⁶, a ressurreição de Jesus Cristo. O vermelho, símbolo do fogo do Espírito Santo, é utilizado no tempo de celebração da Sexta-feira da Paixão de Cristo e no domingo de Pentecostes. E o verde, símbolo da esperança, é utilizado quase o ano todo, conhecido como Tempo Comum. Para a Quaresma, entre o Carnaval e a Páscoa, utiliza-se o violeta, como símbolo de penitência, assim como nas quatro semanas que antecedem o Natal, denominado tempo do Advento. Nos dois domingos que antecedem o Natal, terceiro e quarto domingos do Advento, pode-se utilizar o rosa como símbolo de contrição.

No islamismo, a simbologia das cores é ainda mais rigorosa e abrangente. Nessa cultura, o preto é a cor ruim, utilizada como amuleto contra “mau-olhado” e influenciador do tempo, de forma mágica. Animais pretos são indesejáveis, especialmente o cachorro, que traria a morte à família e a galinha preta, utilizada em cerimônias de feitiçaria.

O branco representa a cor da luz, o brilho extremo, o bom agouro. O leite, por exemplo, é o alimento virtuoso. Em cerimônias de casamento, asperge-se leite sobre a noiva e pulveriza-se farinha branca sobre ela, desejando-lhe uma “vida branca”, feliz.

A cor verde, no islamismo, é muito aceita, pois simboliza a vegetação e é utilizada como sinal de boa sorte. Dar um objeto verde a alguém, pela manhã, simboliza votos de prosperidade.

O amarelo, a cor do ouro e do Sol, é aceito como a cor mágica, utilizada como medida profilática.

Posteriormente, no Islã, as cores passaram a integrar também a simbologia política. Nesse caso, o preto, a cor do luto, foi utilizada principalmente pelos abássidas¹⁷, como símbolo de revolta. Para os umaiadas¹⁸, o branco é a cor emblemática, explicitando sua oposição aos abássidas.

De acordo com Janson (1986), o emprego das cores, na cultura islâmica, foi mais efetivo como linguagem simbólica e menos na arte decorativa. Existem

15 Homilia: Pregação coloquial, de caráter exegético (comentário explicativo), desenvolvida nos cultos cristãos, acerca das Sagradas Escrituras, com o objetivo de exortar a Igreja para seu dia a dia.

16 Páscoa Cristã: Primeiro domingo de lua cheia após o dia do equinócio de Outono no hemisfério sul da Terra, ou de Primavera, no hemisfério norte (21 de março).

17 Abássida: Uma das correntes do islamismo primitivo, cujos integrantes pertenciam a uma dinastia constituída de descendentes dos califas (chefe supremo do islamismo, durante o período do Império Árabe, entre os séculos VIII e XV da era cristã).

18 Umaiadas: Outra corrente do islamismo primitivo, também integrantes de uma dinastia de califas, porém, em oposição aos abássidas. Predominaram nas regiões da Península Ibérica, no período de pujança.

poucos registros de pinturas, datados dos cinco séculos posteriores ao tempo dos mosaicos de Damasco, com perfil artístico, e este fato sugere ter havido pouco interesse por trabalhos que incluíssem esse tipo de pintura. As obras islâmicas dessa época são predominantemente grandes estruturas, com esculturas coloridas, cujo objetivo era o de deixar uma mensagem simbolizada pelas tradições, sem caráter artístico e de pouca exploração imagética.

ESPECIFICIDADES NA IDADE MÉDIA

Independentemente das situações descritas, referentes à obtenção e uso de cores para diversos contextos, em diferentes épocas e locais, o estudo mostrou que durante a Idade Média, especificamente na Europa, ocorreu grande evolução nas técnicas de obtenção de cores. Com isso, foi possível produzir objetos coloridos com muitas finalidades.

Depois de superada a resistência dos primeiros cristãos, sobretudo quanto à cultura romana, com relação à produção de esculturas e ao uso de cores na decoração de ambientes, a partir do século IV iniciou-se praticamente uma nova etapa com relação à construção de templos.

Porém, deve-se mencionar que o desenvolvimento de novas técnicas para a obtenção de cores cada vez mais fiéis à imaginação do usuário não serviu apenas para fins religiosos, mas acabou por se difundir também nas artes de maneira geral e por toda a Europa.

Desse modo, a reprodução de cores, cada vez mais apurada, e o desenvolvimento constante de técnicas de desenho e de pintura, em outras regiões europeias, proporcionaram, além de simbologias culturais, associadas às religiões ou a outras normas de conduta, também novas formas de decoração. As cores representaram, de maneira geral, durante a Idade Média, uma forma de linguagem, um meio de comunicação mais amplo, quando comparado aos atributos dados até então.

Até o final da Idade Antiga, as cores foram utilizadas principalmente como complementos de decoração e de registro de informações e menos como formas de linguagens.

No período medieval, especialmente a partir do século XI, ocorreu em quase toda a Europa e Ásia Setentrional um aprimoramento da pintura, seja no aspecto técnico, seja na obtenção de recursos para a reprodução de cores, assim como nos estilos de desenho. Passou-se a ter maior fidelidade às formas de objetos e pessoas, com medidas mais rigorosas e respectivas proporções, e também boas reproduções de matizes, chegando-se muitas vezes às cores reais dos objetos pintados em afrescos, painéis e tecidos.

A pintura, a partir dessa época, além de retratar a natureza como um todo, incluindo pessoas e animais de maneira geral, esteve carregada de mensagens com objetivos bem definidos, atribuindo-se a determinadas cores significados específicos, difundidos nos diversos níveis sociais, do povo rude ao mais abastado economicamente, do mais ignorante ao mais intelectualizado, das pessoas orientadas por uma religião até agnósticos e ateus.

Lopera *et al.* (1996) menciona, ainda, que o avanço técnico da reprodução das cores ocorrido na Europa foi verificado também no Oriente, por exemplo, na Índia. Nesse país, com o aprimoramento na obtenção de cores e da melhora nos traços de desenhos e pinturas, sob a influência das seitas Kaula/Kâpâlîka, temas de cunho sexual eram destacados como forma de união mística com divindades. Textos sobre técnicas artísticas, denominados Shilpa Shastras, determinavam formas, medidas, proporções corporais e atributos dos deuses e gênios, orientando sobre gestos, de acordo com uma linguagem simbólica estabelecida, que é mostrada na Figura 9.



Figura 9 – Cortesã, séculos IV e V d.C.

Pintura mural sobre rocha

Fonte: Lopera e Andrade (1996, p. 76).

A cultura indiana já desenvolvia afrescos desde a Antiguidade, a partir do século II a.C., entretanto, conforme Lopera e Andrade (1996) afirmam, os de melhor qualidade surgiram a partir do século IV d.C., nos quais já se utilizavam cores como ocre, azul, violeta e verde, pouco utilizados na Europa, por dificuldades citadas anteriormente, além do preto e do branco.

Na Figura 10 mostra-se bem essa riqueza de cores nos detalhes dos desenhos, que já se desenvolviam com boa qualidade nessa época.



Figura 10 – Afresco ilustrando a história do Príncipe Mahajanaka, séculos IV e V d.C.

Pintura mural sobre rocha na entrada da gruta I em Ajanta, Índia

Fonte: Lopera e Andrade (1996, p. 76).

Lopera e Andrade (1996) também afirmam que outra cultura possuidora de um legado de simbologia associada à pintura é a chinesa, pois diversos registros históricos mostram que desde o século III d.C., na dinastia Han, a pintura apresentava características então inovadoras, com técnicas utilizadas até a atualidade, como a laca, empregada na decoração de objetos encontrados na Coreia.

A laca é um material resinoso, obtido a partir de vegetais da família das anacardiáceas, como a mangueira, o cajueiro, a cajazeira e a aroeira, por exemplo,

A pintura chinesa desse período, entretanto, embora tenha se caracterizado por uma linguagem rica em sentimentos de serenidade, amor e uma profunda harmonia cósmica, com limitada reprodução do concreto, era desprovida de variação de cores. A exemplo da pintura europeia, era também baseada no preto, branco, vermelho e nas tonalidades intermediárias.

A Figura 11 mostra uma obra feita com pincel sobre tecido de seda, atribuída a Ku K'ai-Chih.



Figura 11 – A ninfa do Rio Lo, século IV d.C. Pintura sobre seda

Fonte: National Gallery of Art, Washington-DC – USA.

CONCLUSÃO

Considerando que a obtenção de cores, ao longo da história, foi um dos desafios da humanidade e que, especificamente durante a Idade Média, sobretudo a partir do século XI, houve na Europa grande avanço nas artes, conclui-se que o cristianismo teve grande participação neste acontecimento. Diversas obras, como pinturas, esculturas e vitrais, tinham motivos bíblicos, retratando passagens do Novo e do Antigo Testamento. Com isso, o empenho pela busca dos melhores traços de pintura e o uso de cores que permitiam traduzir as mensagens com maior fidelidade resultaram numa incontável quantidade de obras que acabaram por caracterizar este período da história, conhecido por Baixa Idade Média.

No entanto, é importante mencionar, no contexto do presente trabalho, em particular da temática abordada, que, por se tratar de um intervalo da história muito extenso, pode-se pensar num primeiro momento que a evolução do conhecimento humano, nas mais diversas áreas, teria sido muito grande. Entretanto, não foi o que ocorreu no geral. Quanto à arte da pintura, realmente houve grande evolução, todavia, o mesmo não se deu com as ciências naturais.

De acordo com Guaydier (1972), durante a Idade Média, quase não houve progresso científico. Mesmo depois da queda do Império Romano, que também não demonstrava qualquer apego ao estudo da natureza de maneira mais aprimorada, como o fora com os gregos, as culturas que se sucederam, como os bárbaros (francos, visigodos e burgúndios), eram indiferentes quanto a esses conhecimentos. E a Igreja Católica, que exercia forte domínio no comportamento da sociedade europeia dessa época, inibia as poucas iniciativas de mudança no pensamento filosófico e científico. Algum progresso significativo passou a existir a partir do século X, principalmente com a participação da cultura árabe, que dominava a Universidade de Córdoba, por exemplo.

As ciências de maneira geral e, particularmente, as naturais somente começaram a apresentar expressivos sinais de progresso depois do século XIII, com o avanço das universidades.

Não por acaso, os avanços ocorridos com as ciências naturais e mais especificamente com a física, implicaram avanços também nas artes como um todo e, em especial, na pintura e em outras formas de reprodução de cores.

A partir do século XVI, por conta da Reforma Protestante, ocorrida na mesma época do surgimento de novos modelos cosmológicos, que resultaram na chamada Revolução Científica, começaram a ser construídos templos com estruturas físicas, decoração e estilos adequados às novas comunidades cristãs surgidas em diferentes cidades europeias.

Art in the Middle Ages and colours as language

ABSTRACT

Since prehistory, several records show the use and reproduction of colors as a challenge to those interested, who, because they are intended for certain purposes, should be the most faithful to the imagination of the breeder. The present work stems from wide research, in different contexts, which consists of the delimitation of the study of colors as language, particularly in religions. In this case, the highlight is for Christianity, with the decoration of temples and other venues, from its beginning to the end of the Middle Ages.

KEYWORDS

Colors. Language. Christianity.

REFERÊNCIAS

- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2003.
- CURCIO, Í. F. *Cor luz, cor pigmento, a física e as artes*. Curitiba: CRV, 2017.
- DUBY, G.; LACLOTTE, M. *História artística da Europa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio*. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.
- GUAYDIER, P. *Histoire de la physique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.
- JANSON, H. W.; ALMEIDA, J. A. F. de; SANTOS, M. M. R. *História da arte: panorama das artes plásticas e da arquitectura da pré-história à actualidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- JANSON, H. W. *History of art*. New York: Harry N. Abrams, 1986.
- LOPERA, J. A. et al. *História geral da arte*. Madri: Ediciones del Prado, 1996. v. 6.
- NATALI, G.; VITELLI, E. *Storia dell'arte*. Torino: S.T.E.N. Società Tipografico – Editrice Nazionale, 1920.

Recebido em: 10 de setembro de 2018 **Aprovado em:** 30 de janeiro de 2019